

Outsourcing of Things: uma revolução silenciosa

Você já ouviu falar do termo OoT (Outsourcing of Things)? Pois bem, à medida que o universo se torna mais ágil e conectado, o Outsourcing das Coisas fica cada vez mais presente no nosso dia a dia

Paulo Theophilo Moreira Junior (*)

Hoje, podemos terceirizar (alugar, contratar sob demanda), quase tudo que está ao nosso redor, tanto no mundo corporativo como no nosso dia a dia pessoal. A lista de aplicativos do celular é um bom indicador desse movimento.

Temos aplicativos de empresas que nos trazem alimentação pronta, cuidam da higienização das nossas roupas, nos transportam de um lado para o outro, cuidam de nossos pets, entre outros. Nós podemos nem perceber, mas o foco da nossa atenção já mudou dos itens de infraestrutura pessoal ou profissional para temas mais estratégicos ou relevantes. Se já pensamos em não ter um carro é sinal que o que necessitamos é estarmos em diferentes lugares sem complicações e o carro é um meio e não a finalidade.

Promover e adotar o Outsourcing das Coisas é o melhor caminho para as companhias que desejam dedicar mais energia aos seus negócios, deixando os cuidados de empresas especializadas. Assim, é possível focar 100% na gestão e no core business de cada uma. Já imaginou o potencial ganho de produtividade? Pense em como se desapegar da infraestrutura pode trazer ganhos de criatividade, inovação, redução do custo real total e beneficiar



Ao se desapegar da infraestrutura podemos ter ganhos de criatividade e inovação, com redução do custo.

o modelo de criar valor para o negócio.

Então, a teoria do OoT nada mais é do que a evolução natural da gestão dos negócios. Hoje, o pensamento dos profissionais envolvidos com inovação e tecnologia, seja da área de compras, finanças e de diversas outras áreas de negócios, não pode mais estar voltado para atividades de apoio ao negócio. A infraestrutura de tecnologia, por exemplo, tem que funcionar para que as pessoas e as empresas possam olhar para fora e ver as novidades ao seu redor e trazer novas ideias e projetos para implantar internamente.

O importante é investir e desenvolver aquilo que a empresa faz de diferente. A título de exemplo, não é de hoje que as empresas confiam suas frotas de caminhões e/ou automóveis

a empresas especializadas, o restaurante que oferece refeição aos colaboradores e até o atendimento de saúde, esses tipos de serviços vêm sendo terceirizados faz muito tempo. A infraestrutura no passado era um diferencial competitivo e hoje é uma commodity.

Segundo a consultoria IDC, até 2024, 70% das empresas latino-americanas vão rever seu relacionamento com fornecedores e parceiros para melhor executar estratégias digitais e para a implantação generalizada de recursos e operações autônomas de TI. A liderança não pode e não tem tempo para gerenciar, por exemplo, o parque de computadores, notebooks, impressoras e demais ativos. Para tudo isso, existem empresas que entregam uma solução completa e você não se preocupa com

diversos contratos, apenas administra o fundamental de tudo isso.

É um processo muito complexo, por isso temos que aplicar cada vez mais o Outsourcing das Coisas. Você faz um único contrato modelo guarda-chuva e tudo vai ser colocado lá dentro, facilitando a rotina de grandes e médias empresas, eliminando toda a mão de obra e focando no que faz a diferença.

O OoT não é apenas para infra, hoje temos diversos exemplos. Tem carro compartilhado, mobília de aluguel, apartamentos que já se pode alugar com tudo pronto, inclusive com serviços de mão de obra, manutenção etc. Isso é uma tendência não apenas nas empresas, mas em nossas vidas, para que tudo não dependa mais do proprietário, não precisa ser o dono para ter benefícios.

Hoje a informação também é compartilhada, e esse compartilhamento criou uma necessidade diferente, usamos a informação e a partir daí cria-se velocidade e rapidez para tomada de decisões. A vida mudou, e todo mundo enfrenta um pouco mais de dificuldade para administrar tudo. Desapegue e deixe que alguém cuide de alguns serviços dentro da sua rotina.

OoT, mais que uma tendência, uma realidade dos tempos de aceleração digital.

(*) - É diretor de Marketing da Simpress (www.simpres.com.br)

O mercado de trabalho para os profissionais com mais de 50 anos

Tainá Franck Sarmento (*)

Não é de hoje que algumas pessoas encontram dificuldades para a recolocação no mercado de trabalho

Com o atual cenário, resultante da pandemia, a situação se agravou, tendo em vista a significativa redução e restrição no funcionamento das empresas, as quais se viram obrigadas a suspender contratos de trabalho e a reduzir jornadas de seus colaboradores. Ao mesmo tempo, o movimento da diversidade vem ganhando espaço, abrindo oportunidades à categoria de pessoas com mais de 50 anos.

A sociedade vive uma revolução da longevidade. Segundo o IBGE, em 1980 a expectativa média de vida era de 62,6 anos no Brasil. Já em 2018, esse índice passou para 76. E nesse enfoque, por mais evoluída que esteja a sociedade, vale lembrar que muitas vezes a população de mais idade enfrenta dificuldades para se recolocar no mercado de trabalho. Embora esses profissionais seniores tenham ampla bagagem de conhecimento e experiências de vida, que em muito contribuem à produção e ao ambiente laboral das companhias, outros fatores lhes prejudicam.

O ano de 2020 foi atípico em razão da pandemia da Covid-19; o contexto motivou muitos profissionais qualificados e então empregados a buscarem novas oportunidades no mercado profissional, com receio de perderem os atuais empregos.

Dentre as inseguranças e incertezas vividas pela população, a piora do mercado de trabalho é uma realidade, e as dificuldades enfrentadas pelo grupo de pessoas acima de 50 anos se acentuou.

Antes da pandemia, o cenário já era menos favorável para estes integrantes, uma vez que a mão de obra de empregados mais jovens acaba atendendo melhor às necessidades e condições orçamentárias dos empregadores. Muitas vezes, ainda, o profissional executa por muito tempo as mesmas atividades, sem crescimento, o que acaba o tornando mais caro; com isso, as companhias acabam em busca de empregados mais jovens, que exerçam as mesmas funções e recebam contraprestação mais baixa.

Com a pandemia e diante de tantas alterações nas relações empregatícias, a manutenção das vagas profissionais ficou mais restrita e condicionada, sendo necessário que os empregados fossem capacitados para continuar a prestação de suas atividades de forma remota, diante da priorização social e da adoção das medidas preventivas. A abertura de vagas profissionais em 2020 foi motivo de comemoração, pela recuperação do mercado formal de trabalho. O país teve 1,379 milhão de admissões.

Os referidos dados revelam, porém, que há significativa diferenciação em relação à admissão por faixa etária. Enquanto jovens abaixo dos 25 anos comemoraram aumento nas contratações, para os que tem mais de 50 anos as admissões foram reduzidas. No primeiro grupo, as contratações atingiram 481.420 no país, em setembro, superando, assim, a média dos últimos anos. Já na faixa acima dos 50 anos, o ritmo de admissões em setembro foi de 74.265, uma queda de 17% entre a média 2012-2019, que foi de 89.679.

Não se pode negar que a pandemia afetou a economia como um todo e, sobretudo o mercado profissional, para muitos, pois embora tenham sido criadas alternativas de enfrentamento ao estado de calamidade pública, com o benefício emergencial e as suspensões/reduções de contratos e jornadas de trabalho, muitas empresas não conseguiram manter seu quadro de colaboradores ativos.

E, neste cenário, cumpre referir, ainda, que nem todo público com mais idade possui condição de continuar as atividades de forma remota (home office), seja pela falta de conhecimento e facilidade com as ferramentas tecnológicas, seja por indisponibilidade de recursos. Outrossim, por integrarem, muitas vezes, o grupo de risco, não conseguem ser mantidos ativamente nas atividades presenciais.

Na atual conjuntura, e diante da necessidade de se manter o trabalho de forma remota pelos colaboradores, as limitações em relação às inovações podem dificultar a vida desse grupo de pessoas mais velhas. A primeira impressão que a faixa etária causa, de uma forma generalizada, é que o relacionamento com a tecnologia estaria mais distante se comparado a alguém de 20 ou 30 anos de idade.

Com isso, a capacitação dos colaboradores, independentemente da idade, é uma necessidade inerente, cujos empregados com mais de 50 anos encontram maior dificuldade, sendo imprescindível a atualização destes profissionais para adaptação e utilização dos meios tecnológicos. Além disso, também há a agravante dessas pessoas não fazerem parte de atividades essenciais e não conseguem manter as atividades na modalidade remota, o que dificulta a permanência ativa no âmbito profissional.

Apesar das dificuldades que encontram, todavia, muitos desses profissionais têm conseguido se manter ativamente em seus postos de trabalho. Nos desafios vividos pela sociedade, decorrentes da pandemia, cabe a solidariedade e o senso de coletividade na busca por alternativas de enfrentamento do cenário.

(*) - É advogada sócia da Área Trabalhista de Silveiro Advogados, especialista em Direito e Processo do Trabalho.

Tecnologia deve impulsionar comércio exterior em 2021

Um dos setores mais afetados pela pandemia da Covid-19 foi o de comércio exterior, já que o fechamento de fronteiras para evitar a transmissão do vírus também bloqueou o transporte de mercadorias entre países, levando os operadores a buscarem alternativas para realizar as transações comerciais.

Na esteira desse quadro, empresas que oferecem soluções tecnológicas de inteligência de mercado e análise de dados ganharam terreno e hoje são parceiros imprescindíveis dos players da área de importação e exportação.

Como a LogComex, especializada no desenvolvimento de aplicações para toda a cadeia do segmento.

Carlos Souza, cofundador e COO da LogComex, ressalta que a pandemia atingiu de forma mais contundente as empresas de pequeno porte do segmento.

“Elas já não tinham tanto caixa e por isso foi muito difícil para se manterem. Observamos que aumentou a desigualdade entre os operadores, principalmente os agentes de carga. Os maiores ficaram ainda mais fortes, enquanto os menores ficaram ainda mais fracos”, pondera. Outro ponto



As empresas devem se envolver e aprender a trabalhar com dados de mercado para guiar suas estratégias comerciais.

destacado pelo especialista foi a retração nas importações e na produção industrial que acabou impactando várias cadeias de suprimentos.

“Por isso, especialmente em 2020, o mercado de matérias-primas em geral está enfrentando um momento difícil, com a falta de insumos básicos. Nossa expectativa é que isso mude no ano que vem e as empresas se preparem para suprir essa falta que está prejudicando a indústria local”, argumenta Souza. Ele acredita que em 2021, mais empresas devem se interessar, se envolver e aprender mais a trabalhar com dados de

mercado para guiar suas estratégias comerciais.

“Outra tendência forte é o trabalho remoto, que também acredito que vai continuar, seja totalmente, como algumas empresas estão fazendo, ou em um modelo mais híbrido, que a LogComex pretende implementar”, estima. Para Helmut Hoffstater, cofundador e CEO da LogComex, o foco principal do segmento no próximo ano será a automatização. “As empresas vão buscar muito a redução de custos com a tecnologia. Também vamos observar uma grande busca pela atualização das cadeias

logísticas. E, claro, cada vez mais a substituição do papel, para reduzir a burocracia do setor”, aponta.

Hoffstater considera o principal motor para o crescimento da LogComex as pessoas que foram contratadas ao longo do ano. “Trazendo as pessoas certas e respostas para as incertezas de muitas empresas nesse período foi um fator primordial, que ajudou a empresa a atingir o patamar que conquistamos atualmente. Acredito que entramos no momento certo nesse cenário”, finaliza o executivo. Fonte e mais informações: (www.logcomex.com).

Os desafios da logística em um mundo de pandemia

Com o surgimento e avanço da Covid-19 pelo globo, diversas áreas da economia foram diretamente impactadas, principalmente a logística, que precisou garantir o abastecimento de produtos e suprimentos para toda a população mesmo em isolamento social. A crise fez com que diversas empresas adotassem novas mudanças em prol da produtividade e manutenção do bom funcionamento do setor que é responsável pela entrega e distribuição, essenciais na quarentena.

Fronteiras fechadas, barreiras sani-

tárias, armazéns lotados de produtos, menos lucro e mais empresas falindo, foram algumas das consequências desse cenário pandêmico. “O momento atual convida a todas as empresas a terem uma cadeia mais responsiva, com fluxos e tomadas de decisão mais rápidas e assertivas por meio de modelos mais tecnológicos. É onde todos precisam investir nesse momento para garantir a eficiência logística, que sempre foi discutido no mercado, e pouco aplicado”, afirma Luiz Torres, CEO da Flores Online, primeiro e-commerce

de flores e presentes especiais do país. De acordo com ele, as empresas que tiveram uma maior visibilidade da sua cadeia conseguiram responder melhor à crise, principalmente aquelas que puderam contar com um bom sistema de entregas e que tiveram ainda a ajuda dos fornecedores e da tecnologia, permitindo monitoramento do estoque.

“Investimento em digital e relacionamento com fornecedores são essenciais para o atual cenário de crise e também no pós-pandemia. A gestão de informações em nuvem, uso de inteligência

artificial e uma boa estrutura para o home office, garantem a segurança dos colaboradores, enquanto que a aproximação com os seus parceiros, a busca por trazer o serviço mais próximo de você com negócios locais, junto dessas ferramentas puderam contribuir de forma muito mais eficaz”, analisa.

Foi o que a Flores Online trouxe ao longo dos anos e o que procurou fazer durante a pandemia. Investiram - e aqui também é no sentido de tempo - em novos recursos e conversaram muito com seus parceiros, procurando

entender as dificuldades de cada um e auxiliar, dentro que foi possível. Não foi à toa que a marca registrou um crescimento de 100% no faturamento.

Como será o futuro da logística no mundo pós-pandemia ainda não se sabe. “Não sabemos o dia de amanhã, mas é claro que a integração entre empresas e fornecedores, a descentralização de grandes centros produtores, tecnologia, inteligência artificial e os e-commerces são o futuro”, completa Torres. Fonte e outras informações: (www.floresonline.com.br).